

**gui a do
estudan
te da fa
culdade
de letras
do porto**

HISTÓRIA – 1º Ano

1989/1990

378(05)
Gu
elz

FACULDADE DE LETRAS
da
Universidade do Porto

GUIA DO ESTUDANTE

X



EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO

1989 / 90

332(05)

600

Guia do Estudante da FLUP . HIST : 1º Ano

Porto: Conselho Directivo da FLUP.

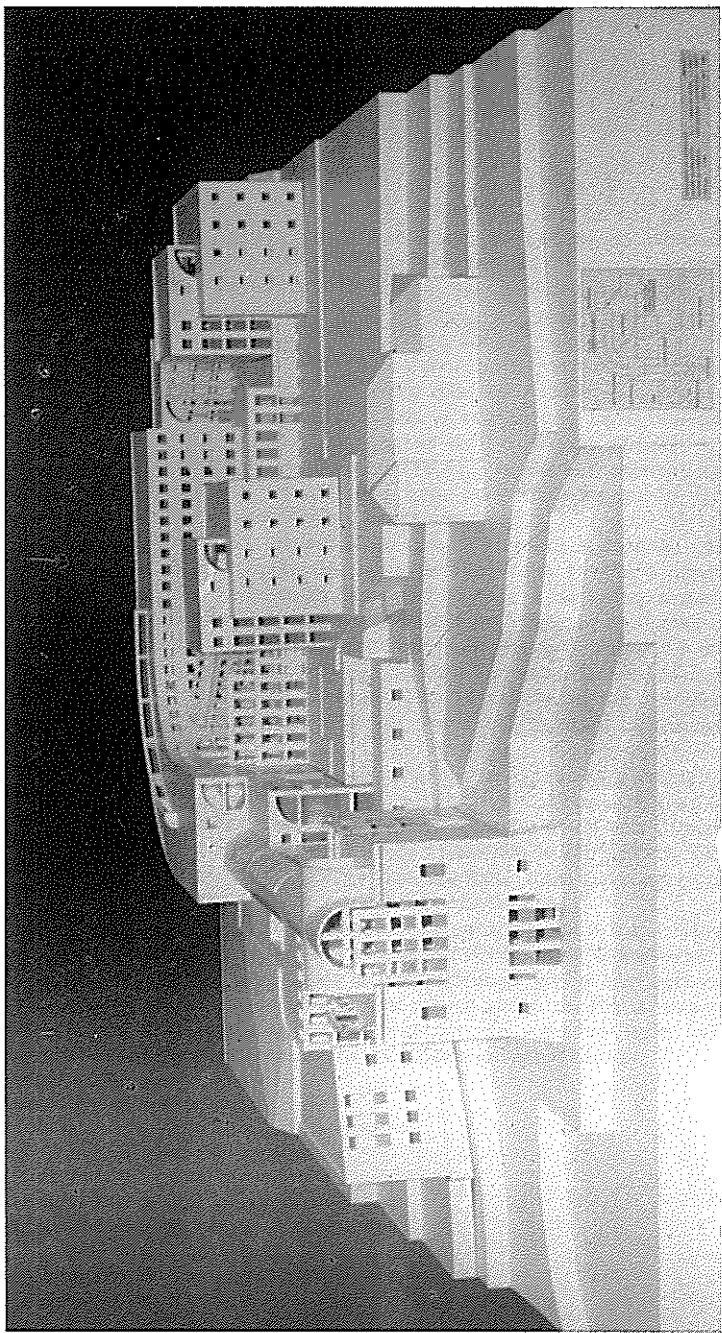
Vol. 10, 1989-1990

Publicação anual

Dactilografia: Margarida Santos

Execução e impressão: Oficina Gráfica

Tiragem: 200



Maquete das futuras instalações da Faculdade de Letras
(em construção)

GUIA DO ESTUDANTE - 1989

INTRODUÇÃO

No presente ano lectivo de 1989-1990 edita-se pela 10^a vez consecutiva o Guia do Estudante da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Importa assinalar a data, não só porque ela traduz o empenho que os sucessivos Conselhos Directivos puseram na elaboração e edição deste importante instrumento de informação pedagógica, mas também porque, pela primeira vez, o texto do Guia do Estudante surge totalmente informatizado, mercê de um trabalho levado a cabo pelo Conselho Directivo ao longo de 1989. Ficam, deste modo, criadas condições para que, no futuro, a sua actualização se processe de forma cada vez mais eficaz e económica, facilitando ao mesmo tempo a sua difusão junto dos alunos antes do início das aulas.

O Guia do Estudante deve constituir, fundamentalmente, um apoio à orientação do trabalho dos estudantes; mas, na medida em que é já parte da história recente da Faculdade de Letras do Porto, não pode deixar de se registar nele o significado especial de que se reveste o momento presente da vida desta escola. De facto, em Dezembro de 1988 teve início a construção do novo edifício da FLUP, na Área de Expansão do Pólo 3 da Universidade. No dia 16 de Junho de 1989 realizou-se a cerimónia oficial de lançamento da sua primeira pedra, que fica implantada no centro do bloco destinado à Biblioteca Central, simbolizando, assim, tudo quanto o livro e o documento representam para uma escola das ciências humanas, da filosofia e das línguas. Desta maneira se coroa um longo processo de trabalhos preparatórios efectuados pacientemente desde 1980.

Mas também em 1989 a Faculdade de Letras passou a ocupar um lugar cimeiro no quadro das instituições universitárias portuguesas, ao tornar-se a primeira Faculdade da Universidade do Porto a dispor de uma ligação à rede "Porbase", o que lhe permite trabalhar em linha com a Biblioteca Nacional de Lisboa, tanto para pesquisa por parte dos utentes, como para carregamento de dados pelos serviços competentes da Biblioteca Central.

Finalmente, 1988-89 fica também assinalado como o ano lectivo em que se aprovaram os Estatutos da Universidade do Porto e se elaboraram os desta sua Faculdade de Letras, por forma a que pudessem vir a ser aprovados pela assembleia competente, o que se espera aconteça antes do fim de Dezembro. Com eles poderá, com certeza, a escola exercer de maneira mais adequada a autonomia possível no quadro das instituições universitárias.

O Guia do Estudante pretende ser fundamentalmente um instrumento útil aos estudantes da Faculdade, pelo que as informações de natureza académica e social devem ser procuradas no folheto Instruções Úteis aos Alunos que a Reitoria da Universidade do Porto distribui gratuitamente no início do ano lectivo.

No quadro da Lei de Autonomia das Universidades e dos Estatutos elaborados pela Universidade do Porto, e de acordo também com a Lei Orgânica desta, e com o projecto dos seus próprios Estatutos, a Faculdade de Letras passa a estruturar-se do seguinte modo:

Assembleia de Representantes
Conselho Directivo
Conselho Científico
Conselho Pedagógico
Conselho Administrativo.

SERVIÇOS DA FACULDADE

A - Secretaria

Sector de Matrículas e Inscrições
" de Equivalências
de Mudanças de Curso.

Horário normal de abertura ao público:
de 2^a a 6^a feira: 12H00 - 16H00
Encerra ao Sábado.

B - Tesouraria

Serviço de pagamento das cartas de curso
"de venda de selos fiscais.

Horário de atendimento:
de 2^a a 6^a feira: 9H30 - 11H30
14H30 - 16H30
Encerra ao Sábado.

C Biblioteca Central

A Biblioteca Central constitui um serviço de fundamental importância da FLUP e por isso tem merecido uma atenção particular por parte dos Conselhos Directivos.

São utentes de direito da Biblioteca os docentes e os alunos da FLUP. Em casos devidamente justificados, porém, outras pessoas podem utilizar os seus serviços, nomeadamente a pesquisa na Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase").

Para consulta das obras da Biblioteca Central os alunos devem possuir o cartão de leitor, revalidado todos os anos depois de efectuadas as inscrições.

1. Tipos de leitura:

a) de presença: na Sala de Leitura (horário afixado);

na Sala de Obras de Referência (livre acesso);

b) domiciliária: normas regulamentares afixadas na Sala de Leitura.

2. Sala dos Catálogos:

a) Onomástico

b) Didascálico

c) CDU (Classificação Decimal Universal)

c) Cardex (Publicações Periódicas)

d) "Porbase" (através do terminal ligado em linha à Base Nacional de Dados Bibliográficos).

Como aceder à Base Nacional de Dados Bibliográficos:

1. Digite: GEAC.

2. Carregue tecla ENTER.

3. Digite: CAT.

4. Siga as instruções que aparecem no ecrã.

5. Se tiver dificuldade, dirija-se ao funcionário da Biblioteca, que dará as indicações necessárias para estabelecer a ligação.

Nota. As obras entradas depois de 1988 encontram-se integradas no ficheiro da Base Nacional de Dados Bibliográficos ("Porbase"), pelo que não devem ser procuradas nos catálogos tradicionais.

Tanto os catálogos tradicionais como a "Porbase" incluem também obras de alguns Institutos e Centros sediados na Faculdade, identificáveis pelas respectivas siglas.

Como é de norma em todas as Bibliotecas, as obras classificadas de "Reservados", as de "referência" (dicionários, enciclopédias), as teses e as revistas e publicações periódicas não podem ser requisitadas para leitura domiciliária.

O mesmo se aplica às obras pertencentes ao "Fundo Primitivo".

3. Horário de leitura:

2^a a 6^a feira: 8H30 - 18H00

Sábado: 9H00 - 11H30.

5. Os alunos invisuais dispõem do aparelho Optacon oferecido pela Fundação Calouste Gulbenkian e instalado na Biblioteca Central.

6. Serviço de informação bibliográfica da Biblioteca Central da Faculdade:

Boletim Bibliográfico - Referente às obras entradas em cada semestre (publicado desde 1979)

Anexos do Boletim:

I - Teses existentes na Biblioteca Central (Junho de 1989)

II - Publicações dos Docentes da Faculdade, existentes na Biblioteca Central (Junho de 1989)

Boletim de Sumários, respeitante aos índices das publicações periódicas recebidas (iniciado em 1988)

"Reservados" da Biblioteca Central, Porto, 1989.

Para além da Biblioteca Central, existem na Faculdade Institutos, Salas e Centros de Investigação (estes dependentes do INIC):

Instituto de Estudos Ingleses

" de Estudos Norte Americanos

" de Estudos Germanísticos

" de Geografia

" de Cultura Portuguesa

" de Arqueologia

" de Documentação Histórica Medieval

" de Filosofia e História da Filosofia

" de História de Arte

" de Língua Portuguesa

" de Literatura Comparada

" de Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa

" de Sociologia

Sala Francesa

" Brasileira

" Espanhola

" Neerlandesa

" de História Moderna
" de História Medieval
Centro de História
" de Linguística
" de Estudos Semióticos e Literários.

Dependente da Reitoria da Universidade, mas sediado na FLUP, funciona o Centro Norte de Portugal-Aquitânia (CENPA).

Obs.: O acesso de alunos a algumas destas unidades está condicionado, de acordo com as normas da direcção de cada uma delas.

C - Oficina Gráfica - Balcão de Vendas

Serviço de reprografia da Faculdade e de venda de publicações; apoia as actividades pedagógicas, de investigação e administrativas da escola. Preçário fixado pelo Conselho Directivo.

Horário de atendimento ao público:
2^a a 6^a feira: 8H30 - 19H30
Sábados: 9H00 - 12H30.

BAR

Presentemente, o serviço de cafeteria e de "snack" é assegurado por exploração dependente da Associação de Estudantes da Faculdade.

Horário:
2^a a 6^a feira: 8H30 - 19H00
Encerra ao Sábado, normalmente.

PARQUE DE ESTACIONAMENTO

Reservado aos elementos da FLUP. Entrada pela Travessa de Entre Campos. Possui zonas demarcadas, que devem ser respeitadas para comodidade de todos. Chama-se particular atenção para a área reservada à viatura da Faculdade, que deve manter-se sempre desempedida.

No interior do parque aplicam-se todas as normas jurídicas sobre responsabilidade civil por danos causados a terceiros.

Horário:
2^a a 6^a feira 7H30 - 23H00
Sábados- 7H30 - 13H00.

ACTIVIDADE ESCOLAR

A. Cursos de Licenciatura

História

Filosofia

Línguas e Literaturas Modernas (Est. Port; Est. Port/Franc; Est. Port/Ingl; Est. Port/Alem; Est. Ingl/Alem; Est. Franc/ Alem; Est. Franc/Ingl.)

Geografia

Sociologia.

Curriculos em vigor em 1989/90:

1^o, 2^o e 3^o anos - Port. nº 850/87

4^o ano - Dec. nº 53/78

4^o ano de Sociologia: Port. nº 352-C/85

4^o ano de Est. Portugueses (LLM): Dec. do Gov. nº 75/84.

B - Cursos Profissionalizantes:

a) Ramo educacional:

regime transitório

regime normal (3^o ano).

b) Tradução (Port/Ingl; Port/Franc; Port/Alem) - Portaria nº 850/87 (regimes transitório e normal).

C - Cursos de pós-graduação (em funcionamento):

a) Mestrados: em História Medieval

História Moderna

Filosofia Social e Política

Arqueologia (proposto)

Educação (proposto)

b) Curso de Especialização em Ciências Documentais - Bibliotecas e Arquivos (edição de novo Curso em 1989/90)

c) Curso de Conservador de Museu (proposto).

D - Curso de Português para Estrangeiros (em Julho).

INDICAÇÕES PEDAGÓGICAS (Síntese):

Os alunos devem ter em atenção o regime e tabela de precedências em vigor, assim como as Normas de avaliação aprovadas pelo Conselho Pedagógico.

1. RAMO EDUCACIONAL:

Regime transitório:

1º ano:

a) obrigatoriedade de frequência mínima a 2/3 das aulas;

b) os alunos que concluem a licenciatura têm direito a candidatar-se à inscrição no 1º ano no primeiro curso aberto após a conclusão da licenciatura;

c) equivalências concedidas:

em Filosofia: Filosofia da Educação e Introdução às Ciências da Educação;

em LLM: Didáctica da Língua Inglesa e Metodologia do Inglês.

2º ano:

a) estágio nos locais fixados pela Direcção Regional de Educação do Norte;

b) seminário semanal na Faculdade (3 horas);

c) admissão ao estágio com aproveitamento em todas as disciplinas do 1º ano (na época de Julho; os alunos que terminam o 1º ano do regime transitório na época de Setembro em princípio só podem concorrer a lugares de estágio em Julho do ano seguinte).

Regime normal (Port. 850/87):

1. Candidaturas à inscrição, no 3º ano, nas disciplinas de: "Introdução às Ciências da Educação" (ICE), em todos os cursos,
e

"Psicologia e Desenvolvimento da Aprendizagem" (PDA), em História e Filosofia.

2. Para poder candidatar-se ao ramo educacional - regime normal - o aluno deve estar em condições de passagem para o 3º ano do curso (isto é, com o máximo de duas disciplinas em atraso).

3. A média para seriação dos candidatos é calculada com base nas classificações da totalidade das disciplinas do 1º e do 2º ano, menos duas (se o aluno não tem disciplinas em atraso), ou menos uma (se só tem uma em atraso).

Obs.: Para os efeitos indicados no número precedente, não são levadas em conta as classificações mais baixas obtidas pelo aluno até à data.

Notas:

I - O regulamento dos estágios da FLUP, com a fórmula para o cálculo da classificação final, encontra-se publicado na Port. 659/88.

II - Os alunos devem ler com cuidado todos os avisos afixados sobre esta matéria antes de se dirigirem à Secretaria.

2. CURSOS DE TRADUÇÃO - Para alunos de LLM (Port. 850/87):

Regime transitório:

a) possibilidades:

Variante de Est. Port/Ingl - Trad. Port./Ingl.

" Est. Port./Franc. - Trad. Port./Franc.

" Est. Franc./Ingl. - Port./Ingl. ou Port./Franc.

" Est. Ingl./Alem. - Port./Ingl. ou Port./Alem.;

b) obrigatoriedade de frequência mínima às aulas:

2/3 das aulas teóricas

50% das aulas práticas;

c) podem candidatar-se os interessados que possuam a licenciatura nas variantes atrás indicadas (e nas condições fixadas na Port. 850/87), devendo fazê-lo nos dois primeiros concursos abertos após a conclusão desse grau.

Regime normal - 3º ano (Port. 850/87):

a) Possibilidades:

Português-Inglês

Português-Alemão

Português-Francês.

Nota: O Conselho Científico manifestou-se a favor da abertura do Curso de Tradução nas restantes combinatórias de LLM (Inglês/Alemão; Inglês/Francês; Francês/Alemão), aguardando-se a necessária aprovação superior.

b) Critérios de selecção:

os candidatos devem estar em condições de passagem para o 3º ano (isto é, com o máximo de duas disciplinas em atraso e desde que nenhuma delas seja a língua em que o interessado pretende fazer o Curso de Tradução).

INDICAÇÕES ACADÉMICAS (Síntese):

1. No prazo de 7 dias a contar da afixação do respectivo aviso (ou pauta) ou da data do correio, os alunos devem dar cumprimento aos deferimentos favoráveis exarados nos requerimentos que tenham apresentado à Faculdade.

2. Reingressos, transferências, mudanças de curso:

Editais afixados em 8 de Outubro (inclusive)

Matrículas e/ou inscrições: de 9 a 15 de Outubro (inclusive)

Reclamações: de 9 a 15 de Outubro (inclusive)

Permutas: só no ingresso ela 1^a vez no Ensino Superior.

3. Mudança de variante em LLM: os pedidos só podem ser considerados depois de os alunos terem completado todas as disciplinas do 1^º ano em que se inscreveram; esta disposição aplica-se aos casos de retoma de estudos e de transferência de outras Faculdades congéneres, caso se traduzam, na prática, em mudança de variante; excluem-se os casos de alterações curriculares resultantes de situações contempladas na lei, como sejam as equivalências de planos de estudo.

4. Curso de Ciências Documentais (pós-graduação) - as disciplinas em atraso do curso anterior podem ser feitas no curso seguinte.

Notas:

1. Para as restantes informações, devem os alunos consultar o folheto Indicações Úteis aos Alunos, difundido gratuitamente pela Universidade do Porto.

2. Chama-se a especial atenção dos alunos para os avisos sobre a micro-radiografia.

NORMAS DE AVALIAÇÃO

(Aprovadas pelo Conselho Pedagógico em 7.6.89)

No desempenho das funções que lhe competem pelo Artº 21º do Decreto Lei nº 781-A/76, de 28 de Outubro, e de acordo com as normas gerais respeitantes ao exame final definidas pela Portaria nº 886/83, de 22 de Setembro, o Conselho Pedagógico aprovou em 7/6/89 as Normas de avaliação de conhecimentos para o ano lectivo de 1989-90.

As normas agora propostas introduzem não só modificações em alguns artigos (cf. os novos artigos 1º, 2º, 3º, 5º, 10º, 11º, 12º, 13º, 15º, 16º, 20º e 22º), como também algumas recomendações apresentadas sob a forma de Observações Finais às avaliações contínua e periódica. Suprimem os antigos artigos 29º e 33º e dispõem de forma mais clara esclarecimentos sobre melhoria de nota e épocas de exames de recurso e especial que se encontravam dispersos ou omissos (cf. Esclarecimentos sobre a avaliação final). Chama-se a atenção para as alterações significativas introduzidas pela nova redacção dos artigos 1º e 11º.

Relativamente a alterações de fundo que alguns membros do Conselho Pedagógico gostariam de ter visto aprovadas, optou-se pela divulgação à escola em documento próprio, para que sirvam de ponto de partida para uma reflexão mais geral sobre a matéria pedagógica. Para a actual redacção das Normas de avaliação foram ouvidas comissões pedagógicas dos cursos e em certos casos atendeu-se a sugestões que vários docentes resolveram por bem dirigir ao Conselho Pedagógico no princípio do ano lectivo de 1988/89.

Subacente à elaboração das presentes Normas de avaliação esteve o desejo por parte dos membros do Conselho Pedagógico de incrementar a avaliação periódica e contínua, de consagrar a importância dos trabalhos individuais e de grupo e de acentuar a importância do contacto directo e pessoal entre professor e aluno.

CAPITULO I · DISPOSIÇÕES GERAIS

Artº 1º - Modalidades de avaliação. Admitem-se três modalidades de avaliação:

- I - Avaliação contínua.
- II - Avaliação periódica.
- III - Avaliação final.

§ Único - Poderá existir uma combinação da avaliação contínua com qualquer outra forma de avaliação nos termos do nº 3 do Artº 11º das presentes Normas.

Artº 2º - Apresentação do plano de avaliação.

No início do ano lectivo, ao apresentar o programa da disciplina (conforme o disposto no Estatuto da Carreira Docente Universitária), deverá

o docente apresentar o plano de avaliação e dialogar com a turma acerca dos seus diferentes aspectos, com explicitação dos objectivos pedagógico-didácticos, modalidades de avaliação, critérios e instrumentos de avaliação a utilizar.

§ 1º - Este plano de avaliação deverá ter em conta as condições concretas de funcionamento de cada disciplina, nomeadamente:

- a) número de alunos;
- b) número de docentes;
- c) natureza da disciplina.

§ 2º - Competirá ao Conselho Pedagógico, sempre que necessário, analisar todos os aspectos inerentes à elaboração e aplicação do referido plano de avaliação.

Artº 3º - Trabalhos de investigação.

Deve ser promovida a realização de trabalhos de investigação, individuais ou em grupo, a apresentar e discutir oralmente, na aula ou fora dela. Os docentes deverão acompanhar de perto a elaboração dos trabalhos em todos os trâmites.

Em função da participação individual, os alunos pertencentes a um mesmo grupo de trabalho poderão ter uma nota diferenciada, o que deve desde o início ser tornado claro pelo docente.

§ 1º Os alunos poderão ter acesso aos trabalhos elaborados pelos colegas desde que os autores desses trabalhos o autorizem e o docente recomende a sua divulgação.

§ 2º - Os docentes deverão proceder à publicitação da classificação dos trabalhos de investigação.

§ 3º - Desde que o trabalho de investigação seja considerado idóneo, ele deverá ser valorizado em pelo menos 1/3 da nota final; ou em 50% no caso de o trabalho substituir um dos dois elementos da avaliação periódica.

§ 4º - Considera-se um trabalho de investigação escrito em que haja pesquisa bibliográfica e documental original e individualizada e cuja apresentação e dimensão obedeçam a certos requisitos mínimos previamente acordados entre docentes e alunos.

Artº 4º - Reprovação em avaliação contínua e periódica.

Os alunos que reprovem na avaliação contínua ou periódica só poderão fazer exame final na época de recurso (Setembro), nas condições fixadas por lei.

Artº 5º - Consulta da testes.

1 - Os alunos têm o direito de consultar os seus testes. No caso de prestação de prova oral, os alunos têm o direito de serem informados acerca da nota que obtiveram na prova escrita correspondente.

2 - Sendo possível provar a existência de qualquer irregularidade processual na classificação das provas, os alunos poderão dirigir uma reclamação ao Conselho Pedagógico, que tomará as providências necessárias nos sentido de resolver a situação.

Artº 6º - Provas orais.

As provas orais de avaliação de conhecimentos devem realizar-se em

salas com portas abertas ao público e perante um júri constituído pelo número mínimo de dois docentes ligados à área da disciplina.

Artº 7º - Notas quantitativas.

Todas as notas relativas a provas ou trabalhos que sirvam de fundamento à classificação final serão publicadas sob a forma de nota quantitativa (escala de 0 a 20).

Artº 8º - Arredondamento de notas.

As classificações a afixar, quando impliquem direito a uma prova oral ou dispensa de prova final, deverão ser arredondadas (ex.: 9,5=10 e 7,5=8).

Artº 9º - Afixação das datas das provas.

As dadas das provas de avaliação periódica e final deverão ser afixadas com uma antecedência mínima de 15 dias.

CAPITULO II - DISPOSIÇÕES ESPECIAIS

A - AVALIAÇÃO CONTÍNUA

Artº 10º - Tipo de provas.

O processo de avaliação contínua constará de vários tipos de prova, tais como trabalhos de investigação (individuais ou em grupo), relatórios de leituras ou de trabalhos de campo, elaboração de bibliografias críticas, exposições feitas nas aulas, testes, provas orais. Uma das provas terá de ser um teste em presença, realizado na própria aula.

§ único - Os alunos deverão ser informados de todos os elementos de avaliação, incluindo as provas orais e a participação oral nas aulas, assim como dos métodos de ponderação adoptados.

Artº 11º - Número de alunos por turma.

1 - A avaliação contínua poderá ser realizada em qualquer tipo de disciplina, em turmas cuja frequência média não exceda 30 alunos. Em certos casos, poderá haver alteração desse número, mediante prévia autorização do Conselho Pedagógico.

2 - De modo a possibilitar a realização de avaliação contínua, as disciplinas poderão ser organizadas em turmas teóricas e turmas práticas (1 teórica + 2 ou 3 práticas), sem prejuízo da carga horária prevista na distribuição de serviço e mediante acordo prévio do Conselho Directivo no que respeita à ocupação de salas.

3 - Caso exista uma nítida distinção entre aulas teóricas e aulas práticas, uma mesma disciplina poderá funcionar em simultaneamente com dois tipos de avaliação: avaliação periódica ou final relativamente às aulas teóricas; avaliação contínua relativamente às aulas práticas. Em caso de avaliação negativa na componente teórica da disciplina, a classificação que o aluno tenha obtido na componente prática em avaliação contínua, desde que positiva, deverá ser considerada até à época de recurso ou especial do mesmo ano lectivo.

Art.º 12º - Obrigatoriedade de presenças.

A avaliação contínua obriga à presença do aluno em 3/4 das aulas. A presença dos alunos deverá ser verificada pela assinatura de folhas de

presença, sob a responsabilidade do docente.

§ único - Na situação descrita nos números 2 e 3 do Artº 11º, os alunos ficam obrigados a este regime de presenças apenas em relação às aulas práticas.

Art. 13º - Inscrição e desistência.

1 - A inscrição em avaliação contínua deverá ser feita no decurso do primeiro mês de funcionamento a disciplina.

2 - Os alunos poderão desistir da avaliação contínua, com possibilidade ainda de escolha de outras modalidades de avaliação, desde que essa desistência seja comunicada ao docente até à realização da primeira prova de avaliação periódica.

Artº 14º - Avaliação em seminários.

Nas disciplinas que funcionem em regime de seminário pode praticar-se a avaliação contínua.

Observação final - As disciplinas ou turmas que funcionem no regime de avaliação contínua deverão, sempre que possível, não interromper as aulas nos períodos de avaliação periódica.

B - AVALIAÇÃO PERIÓDICA

Artº 15º - Tipo de provas.

O número de provas a realizar será no mínimo de duas, sendo uma obrigatoriamente em presença do docente e podendo ser a outra um trabalho realizado fora da aula, desde que previamente acordado entre docente e aluno.

Nas disciplinas em que se entenda necessária a realização de trabalhos práticos ou de campo, estes terão um estatuto próprio e a sua realização deverá ser previamente acordada entre docente e alunos, assim como a ponderação da avaliação respectiva.

Quaisquer outras provas - orais ou escritas - que venham a ser realizadas no âmbito da cada disciplina serão facultativas.

§ 1º - A matéria versada nas provas será a que tiver sido leccionada até 8 dias antes da sua realização.

§ 2º - Sempre que as classificações das provas que excedam o número de duas sejam consideradas para efeito de média final, serão publicadas com as restantes.

Artº 16º - Calendário das provas.

O calendário das provas será oportunamente elaborado pelos Serviços Administrativos da Faculdade em colaboração com o Conselho Pedagógico, o Conselho Directivo e com a Associação de Estudantes. A sua elaboração deve obedecer aos critérios descritos na Observação final à Parte B do Cap. II.

Artº 17º - Repescagem.

Os alunos em avaliação periódica têm direito, nas condições abaixo indicadas, a uma prova de repescagem a realizar simultaneamente com a primeira chamada do exame final da época normal. Entre a afixação dos resultados das provas de avaliação periódica e a primeira chamada do exame final da época normal deverá mediar um intervalo mínimo de dois dias úteis (o sábado não deve ser considerado dia útil).

Artº 18º - As condições referidas no artigo anterior são as seguintes:

1 - Para que haja direito a uma prova de repescagem a nota da outra prova de avaliação periódica terá de ser obrigatoriamente positiva.

2 - Os alunos que tenham obtido uma nota igual ou inferior a sete valores numa das provas ou a elas tenham faltado deverão sujeitar-se a uma prova de repescagem sobre a matéria respeitante àquela prova.

3 - Ficam dispensados da prova de repescagem, embora possam realizá-la, os alunos que tenham obtido numa das provas nota de 8 ou 9 valores, desde que a média das notas das provas seja positiva. Esta dispensa não se aplica caso a média seja negativa, sendo então necessária repescagem relativa à prova em que o aluno tenha obtido 8 valores, para efeitos de aprovação em avaliação periódica.

4 - A nota obtida na prova de repescagem anula a nota da prova que substitui, não se seguindo o critério usado no exame destinado a melhoria denota. Para que os alunos se considerem aprovados, a média final terá de ser positiva e em nenhuma das provas a nota poderá ser igual ou inferior a sete valores.

Artº 19º - Em caso algum a prova de repescagem se destina a melhoria de nota, não podendo por conseguinte substituir uma prova classificada com nota positiva.

Artº 20º - Inscrição e desistência.

1 - A inscrição do aluno na avaliação periódica far-se-á pela sua presença na primeira prova de avaliação, ou por declaração escrita entregue ao professor até à realização dessa mesma prova.

2 - É permitida ao aluno a desistência da avaliação periódica. Essa desistência deveá ser comunicada por escrito ao professor até à data da segunda prova de avaliação periódica.

Artº 21º - Tipos de provas em línguas vivas.

No caso das línguas vivas, sem prejuízo do disposto nos artigos 16º, 17º e 18º na parte que lhes é aplicável, a avaliação periódica consta de dois tipos de provas: escritas e orais. As provas escritas precedem as orais e obrigam a uma média mínima de nove valores, tendo em conta os arredondamentos fixados no Artº 8º, sendo uma delas obrigatoriamente positiva.

§ 1º - Cabe aos Leitores fixar o momento da realização dessa prova oral, observando o intervalo mínimo de 48 horas após a afixação dos resultados das provas escritas.

§ 2º - A classificação final deve obter-se pela média entre a nota da prova oral e a média alcançada nas provas escritas.

§ 3º - A prova oral não pode ser entendida como prova de repescagem.

OBSERVAÇÃO FINAL - Critérios para a elaboração do calendário de exames.

1 - Na elaboração do calendário das provas de avaliação periódica deverá ser respeitada, na medida do possível, a distância mínima de 48 horas entre as provas de disciplinas obrigatórias do mesmo ano.

2 - Deverão ser reservados os últimos dias do bloco de avaliação para as provas das disciplinas de opção (tendo em conta o número de disciplinas e a especificidade de cada curso).

3 - Sempre que haja acordo prévio entre docentes e alunos, as provas de avaliação periódica poderão ser realizadas durante o período de aulas, sem prejuízo do normal funcionamento destas.

4 - Dadas as dificuldades na elaboração do calendário de provas nos cursos com múltiplas variantes, deverá ser previsto um prazo para reclamações relativas a coincidências de provas de disciplinas do mesmo ano. O prazo será de 48 horas depois de afixado o calendário das provas; as reclamações deverão ser dirigidas ao Presidente do Conselho Pedagógico, que poderá delegar num ou mais membros do Conselho o poder de resolução destas situações.

C - AVALIAÇÃO FINAL

Artº 22º - Tipo de provas.

O exame final é constituído por uma prova escrita e uma prova oral, devendo aquela anteceder sempre esta. A prova oral deve realizar-se de acordo com a estipulado no Art. 6º.

§ único - Nas disciplinas em que seja obrigatória a realização de uma prova prática no exame final (nas épocas normal ou de recurso), esta poderá ser substituída por um trabalho prático ou de campo, previamente realizado ao longo do ano lectivo, desde que haja acordo entre professor e aluno; a ponderação desse trabalho na nota final deverá corresponder à da parte prática do exame final.

Artº 23º - Admissão à prova oral.

A nota mínima de admissão à prova oral será de oito valores, tendo em conta os arredondamentos fixados no Artº 8º.

Art. 24º - Dispensa da prova oral.

Os alunos que tenham nota igual ou superior a dez valores ficam dispensados da prova oral; mas, mesmo dispensados, podem requerê-la, para o que devem dirigir-se à Secretaria no prazo de 48 horas após a afixação das notas da prova escrita.

Artº 25º - O artigo anterior não se aplica às línguas estrangeiras, em que a prova oral é sempre obrigatória, excepto no caso de não admissão previsto no Artº 23º.

Art.º 26º - O regime de obrigatoriedade de prova oral nas condições do número anterior poderá ser estendido a qualquer outra disciplina por decisão do Conselho Pedagógico, sob proposta do responsável pela disciplina e ouvido o responsável pela respectiva área do Conselho Científico.

Artº 27º - Ponderação da nota da prova oral.

Sempre que se realize uma prova oral, o resultado final será a média obtida entre a nota da prova escrita e a nota da prova oral.

ESCLARECIMENTOS SOBRE A AVALIAÇÃO FINAL

A - MELHORIA DE NOTA

1 - Os alunos que desejem fazer exames para melhoria de nota no ano seguinte àquele em que obtiveram a passagem nas disciplinas cujas notas pretendem melhorar têm de se cingir aos programas leccionados durante o ano lectivo em que terá lugar o novo exame e de prestar provas com o docente ou docentes que ministraram os referidos programas.

2 - Os alunos só poderão requerer melhoria de nota na época de recurso (Setembro) do mesmo ano em que tenham obtido aprovação na disciplina ou na época normal (Julho) do ano lectivo seguinte.

3 - Os alunos poderão requerer melhoria de nota relativamente a qualquer disciplina, não devendo ser tida em conta a restrição numérica prevista nestas Observações finais (cf. Ponto B destes Esclarecimentos).

4 - No caso de um aluno se submeter a exame para efeitos de melhoria de nota, prevalecerá a classificação mais elevada.

B - ÉPOCAS DE RECURSO (SETEMBRO) E ESPECIAL (DEZEMBRO)

1 - Na ausência do despacho especial do Reitor da Universidade, o número de exames que os alunos poderão realizar nas épocas de recurso e especial será-o seguinte (cf. o Artº 9º da Portaria nº 886/83, de 22 de Setembro e resolução do Conselho Científico da F.L.U.P. de 28.5.84):

a) Época de recurso: exames de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais.

b) Época especial: exames de duas disciplinas anuais ou quatro semestrais.

2 - Na época especial cada aluno pode prestar provas de exame final em disciplinas a cujo exame nas épocas normal ou de recurso não haja comparecido ou, tendo comparecido, dele haja desistido ou nele haja sido reprovado (até ao número máximo referido no Ponto 1), desde que, com a aprovação em tais disciplinas, reúna as condições necessárias à obtenção do grau ou diploma.

3 - Na época normal de exames finais (Julho) realizam-se duas chamadas para cada disciplina; nas épocas de recurso e especial realiza-se apenas uma.

(Nota: O ponto de vista enunciado no Artº 16º das Normas de avaliação transcritas traduz unicamente a opinião do C. P.).

Publicações mais recentes da Faculdade de Letras:

Revista de Faculdade de Letras (dir. do Conselho Científico):

Séries de História, 1984/85/86/87/88

Filosofia, 1985 (2 números)/86/87

Línguas e Literaturas, 1984/85/86/87/88 (2 tomos)

Anexos desta série:

I - Problemáticas em História Cultural, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1987

II - Bibliografia Cronológica de Espiritualidade em Portugal - 1501-1700, Porto, Instituto de Cultura Portuguesa, 1988

III - Actas do 1º Colóquio Internacional de Linguística Contrastiva Português-Alemão (6-7 de Outubro de 1988), Porto, Instituto de Estudos Germanísticos (no prelo)

Geografia, 1985/86/87

Revista de História (Ed. do Centro de História, 1978 ss.. Em 1979/80 publicou as Actas do Colóquio sobre "O Porto na Época Moderna")

Portugalia (Instituto de Arqueologia), 1980 ss. (Em 1983/84 publicou as Actas do "Colóquio Inter-Universitário de Arqueologia do Noroeste")

Runa (Coedição do Instituto de Estudos Germanísticos da FLUP), 1984

II Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval, 2 vols., Porto, Centro de História, 1987

Colóquio Comemorativo do VI Centenário do Tratado de Windsor, Porto, Institutos de Estudos Ingleses, 1988

La Sociologie et les Nouveaux Défis de la Modernisation, Porto, Association Internationale des Sociologues de Langue Française/ Secção de Sociologia da FLUP, 1988

"Fundo Primitivo" da Biblioteca Central. 1919-1928, Porto, 1989

Calendário das provas em 1989-1990
(Emanado do Conselho Pedagógico)

Cursos de Licenciatura:

Avaliação periódica - Primeiras provas: de 1 a 17 de Fevereiro de 1990
" " - Segundas provas: de 11 a 27 de Junho de 1990
Exame final - Época normal: de 2 a 18 de Julho de 1990 (provas escritas)
" - Época de recurso: de 5 a 19 de Setembro de 1990 (provas escritas).

Ramo educacional:

Avaliação periódica - Primeiras provas: de 1 a 17 de Fevereiro de 1990
" " - Segundas provas: 21 de Maio a 2 de Junho de 1990
Exame final - Época normal: 11 de Junho a 7 de Julho (orais inclusive)
" - Época de recurso: de 5 a 19 de Setembro de 1990 (provas escritas)

Os programas que se seguem encontram-se aprovados pelo Conselho Científico para o ano lectivo de 1989-1990. Mas para se ter uma ideia aproximada da dimensão da escola, no plano pedagógico, basta notar que os programas desenvolvidos nos cinco cursos de licenciatura e nos cursos do ramo educacional e de tradução se situam na ordem das duas centenas, para 1989-90.

Convém esclarecer que, não se aplicando ao ensino universitário o conceito de "livro obrigatório", as indicações constantes de algumas bibliografias são da responsabilidade dos respectivos docentes.

Porto e Faculdade de Letras, Julho de 1989

O Conselho Directivo

PROGRAMAS

Nota: Em virtude de o tratamento inicial dos programas haver sido feito na versão 4.2 do processador "Word Perfect" e de, para efeito de tiragem em impressora "laser", ter sido necessário convertê-los para a versão 5.0, encontrar-se-ão algumas anomalias na apresentação dos textos, de que se pedem desculpas.

Docente: Prof. Doutor Rui Manuel Sobral Centeno
Dr. M. Teresa Cordeiro de Moura Soeiro

1. Introdução.
- 1.1. A noção do Mundo Clássico.
- 1.2. Quadros geográfico e cronológico.
2. A controvérsia sobre a economia e a sociedade do Mundo Clássico.
 - 2.2. Primitivistas versus Modernistas.
 - 2.3. A interpretação de Karl Polanyi.
 - 2.4. O estado actual do debate.
3. A Grécia Antiga.
 - 3.1. O Mundo Homérico: o oikos.
 - 3.2. origem e desenvolvimento da polis na Época Arcaica.
 - 3.3. A colonização.
 - 3.4. Os quadros políticos da civilização grega na Época Clássica.
 - 3.5. Economia e sociedade na Época Clássica.
 - 3.6. O fim da Época Clássica.
4. Roma
 - 4.1. Das origens de Roma ao período da realeza.
 - 4.2. A República. Dos confrontos entre patrícios e plebeus à elaboração da Lei das XII Tábuas. O expansionismo romano. A sociedade e a economia até às Guerras Púnicas.
 - 4.3. A República de 264-27 a.C. Sociedade e economia. A "questão agrária".
 - 4.4. O Alto-Império. A população. O regime imperial. A vida social e económica.
 - 4.5. Os Romanos na Hispânia.

BIBLIOGRAFIA GERAL

- AUSTIN, M.; VIDAL-NAQUET, P. - Economies et sociétés en Grèce ancienne, (Col. U2, nº 198), Paris, 1972 (há trad. portuguesa)
- FINLEY, M. I. - A economia antiga, Porto, 1980
- GARNSEY, P.; SALLER, R. - The Roman Empire. Economy, society and culture, Londres, 1987
- HARMAND, L. - Société et économie de la République Romaine, (Col. U2, nº 232), Paris, 1976
- HEURGON, J. - Rome et la Méditerranée occidentale jusqu'aux Guerres Puniques, (Col. Nouvelle Clio, 7), Paris, 1969
- HUMPHREYS, S. C. - Anthropology and the Greeks, Londres, 1978
- MOSSÉ, Cl. - La colonisation dans l'Antiquité, (Col. FAC), Paris, 1970

- NICOLET, Cl. - Rome et la conquête du Monde Méditerranéen, 2 vols., (Col. Nouvelle Clio, 8 e 8 bis), Paris, 1977-78
- PETIT, P. - La paix romaine, (Col. Nouvelle Clio, 9), Paris, 1971
- Histoire générale de l'Empire Romain, 3 vols., (Col. Points, série Histoire, 35-37), Paris, 1978
- POLANYI, K. - Primitive, archaic and modern economies, Boston, 1971
- POLANKI, K. et alii - Comercio y mercado en los imperios antiguos, Barcelona, 1976
- PRYOR, F. L. - The origins of the economy. A comparative study of distribution in primitive and peasant economies, Nova Iorque, 1977
- SALMON, P. - Population et dépopulation dans l'Empire Romain, (Col. Latomus, 137), Bruxelas, 1974
- VEYNE, P. - Lepain et le cirque, Paris, 1976
- WILL, Ed. - Le Monde Grec et l'Orient, I. Le V.e siècle, (Col. Peuples et Civilisations, II), Paris, 1972

Docente: Prof. Doutor Vítor Oliveira Jorge

1. Introdução.

1.1. O que se deve entender por "Civilizações Pré-Clássicas" numa perspectiva de História Universal comparada.

1.2. Problemática da origem do Estado e da Civilização: conceitos operatórios e principais teorias na análise e compreensão das primeiras sociedades complexas.

2. As primeiras civilizações do Próximo Oriente.

2.1. Mesopotâmia.

2.1.1. O desenvolvimento histórico. (Antecedentes pré-históricos; Sumérios; Império de Akkad; III dinastia de Ur; Período babilônico antigo; Assírios (período assírio antigo e médio); Império Assírio).

2.1.2. Características da civilização mesopotâmica.

2.2. Egipto.

2.2.1. O desenvolvimento histórico. (Antecedentes pré-históricos; Período dinástico antigo; Império Antigo; Primeiro período intermédio, Império Médio; Segundo período intermédio; Império Novo; Período de Amarna).

2.2.2. Características da civilização egípcia.

3. As primeiras civilizações americanas.

3.1. Meso-América.

3.1.1. O desenvolvimento: origens da agricultura e da vida aldeã; Olmecas; chefados e primeiros estados das montanhas do México: Vale de Oaxaca e Bacia do México; civilização maia e seu colapso; civilizações "pós-clássicas"; Aztecas).

3.1.2. Características das civilizações meso-americanas.

3.2. Região dos Andes.

3.2.1. O desenvolvimento. (Antecedentes: origens da agricultura e da vida aldeã; chefados do período pré-cerâmico; Período Inicial; Horizonte Antigo - Mochica, Nazca; Horizonte Médio - Tiahuanaco e Huari; período intermédio recente - Chimu; Horizonte Redente - Incas).

3.2.2. Características das civilizações andinas.

4. As primeiras civilizações da Ásia Meridional e do Extremo Oriente.

4.1. Vale do Indo.

4.2. China.

5. A primeira civilização europeia: Egeu.

5.1. O desenvolvimento histórico. (Antecedentes neolíticos; Bronze Antigo (Creta - civilização pré-palaciana; Cíclades - Ciclídico Antigo); Grécia - Heládico Antigo; Leste do Egeu - civilização proto-troiana); Bronze Médio (Creta - civilização minóica proto-palaciana; Cíclades - Ciclídico Médio; Leste do Egeu - período

toriano médio), Bronze Recente (Creta - época dos novos palácios; Cíclades; Civilização Micénica).

5.2. Características das civilizações egeias.

6. Retrospectiva: linhas de força explicativas da origem dos "primeiros Estados".

BIBLIOGRAFIA

1. Introdução e obras gerais.

* COTTERELL, Arthur (ed. de) - The Encyclopedia if Ancient Civilizations, Londres, Macmillan (Papermac), 1983

LAMBERG-KARLOWSKY, C.C.; SABLOFF, Jeremy - Ancient Civilizations. The Near East and MesoAmerica, Menlo Park, The Benjamim/Cummings Publ. Comp., 1979

REDMAN, Charles B. - The Rice of Civilizations. From Early Farmers to Urban Society in the Ancient Near Past, San Francisco, W. H. Freeman and Co., 1978

* SERVICE, Elman R. - Los Orígenes del Estado y de la Civilización, Madrid, Alianza Editorial, 1984

VÁRIOS - Le Grand Atlas de l'Archéologie, Encyclopaedia Universalis France, 1985

" - Past Worlds. The Times Atlas of Archaeology, Times Books Limited, 1988

* WHITEHOUSE, R.; WILKINS - The Making of Civilization, New York, Alfred Knopf, 1986

2. As primeiras civilizações do Próximo Oriente.

* ALDRED, Cyril - Os Egípcios, Lisboa, Ed. Verbo, s/d

DAUMAS, Francois - La Civilisation de l'Egypte Pharaonique, Paris, Arthaud, 1987

GARELLI, Paul - El Próximo Oriente Asiático. Desde los Orígenes hasta las Invasiones de los Pueblos del Mar, Barcelona, Ed. Labor, 1982

KRAMER, S. N. - Os Sumérios, Amadora, Liv. Bertrand, 197

MALLONAN, M. E. L. - Mesopotâmia e Irão, Lisboa, Verbo, s/d

MOSCATTI, Sabatino - L'Orient avant les Grecs, Paris, PUF, 1963

OATES, Joan - Babylon, Londres, Thames and Hudson, 1986

REDMAN, Charles L. - obra supra citada

* ROUX, Georges - La Mésopotamie, Paris, Ed. du Seuil, 1985

* VERCOUTTER, Jean - L'Egypte Ancienne, Paris, P.U.F., 1985 (11^a ed.)

3. As primeiras civilizações americanas

BUSHNELL, G. H. S. - Os primeiros Americanos, Lisboa, Verbo,

s/d

COE, Michael D. - O México, Lisboa, Ed. Verbo, s/d

- "- Os Maias, Lisboa, Ed. Verbo, s/d
* FAVRE, Henri - A Civilização Inca. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1987
FIEDEL, Stuart J. - Prehistory of the Americas, Cambridge University Press, 1987
* GENDROP, Paul - A Civilização Maia, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1987
* RIBEIRO, Orlando - Três Civilizações Ameríndias, Iniciação em Geografia Humana, Lisboa, Ed. J. Sá da Costa, 1986, pp. 136-151
SANDERS, W. T.; MERINO, J. - Pré-História do Novo Mundo, Rio de Janeiro, Zahar Ed., 1971
* SOUSTELLE, Jacques - A Civilização Azteca, Rio de Janeiro, Jorge Zahar 4. As primeiras civilizações da Ásia Meridional e do Extremo Oriente
WATSON, William - A China Antiga, Lisboa, Ed. Verbo, s/d
WHEELER, Mortimer - O Vale do Indo, Lisboa, Verbo, s/d
"- Índia e Paquistão, Lisboa, Verbo
5. A primeira civilização europeia
BLEGEN, Carl W. - Troia e os Troianos, Lisboa, Ed. Verbo, s/d
CHADWICK, J. - The Mycenaean World, Cambridge Univ. Press, 1976
HOOD, Sinclair - Os Minóicos, Lisboa, Ed. Verbo, s/d
PLATON, Nicolas - La Civilisation Égéenne, 2 vols., Paris, Albin Michel
RENFREW, Colin - Les Origines de l'Europe. La Révolution du radiocarbone, Paris, Flammarion, 1983 (sobretudo cap. 10)
TAYLOR, William - Os Micénicos, Lisboa, Ed. Verbo, s/d

Nota: Os livros básicos vão indicados com asteriscos

CIVILIZAÇÕES PRÉ-CLÁSSICAS

Docente: Dr. José Maia Marques

1. Introdução.
 - 1.1. Esquema da disciplina.
 - 1.2. Fontes e bibliografia.
 - 1.3. Quadros cronológico-geográficos.
2. Elementos da Civilização.
 - 2.1. Elementos económicos.
 - 2.2. Elementos técnicos.
 - 2.3. Elementos sócio-políticos.
 - 2.4. Elementos morais.
 - 2.5. Elementos mentais.
 - 2.6. O "processo de civilização".
3. O Oriente Pré-Clássico.
 - 3.1. Quadro geral.
 - 3.2. O Egipto.
 - 3.3. A Mesopotâmia.
 - 3.4. Os Fenícios e o comércio no Mediterrâneo.
 - 3.4.1. A civilização fenícia.
 - 3.4.2. As grandes regiões.
 - 3.4.3. A arte.
 - 3.4.4. Os Fenícios e os outros.
4. A Europa Pré-Clássica.
 - 4.1. Quadro geral.
 - 4.2. Os Celtas.
 - 4.3. Os Etruscos.
 - 4.4. A península Ibérica.
 - 4.5. A Cultura Castreja do Noroeste Peninsular.

BIBLIOGRAFIAO Oriente Pré-Clássico

ALFRED, Cyril - Os Egípcios, Lisboa, Verbo, 1972

ERMAN, E.; RANKE, A. - La Civilisation Égyptienne, Paris, Ed. Payot, 1979

GARELLI, Paul - El Próximo Oriente Asiático, Barcelona, Labor, 1980 (trad. Brasileira não aconselhável)

* LAFFORGUE, Gilbert - A Alta Antiguidade, "História Universal", vol. 1, Lisboa, D. Quixote, 1979

Pritchard, J. B. - Ancient Near Eastern Texts, Princeton, University Press, 1974

ROUX, G. - La Mésopotamie, Paris, Ed. du Seuil, 1985

* TAVARES, António Augusto - As Civilizações Pré-Clássicas, Guia de Estudo, Lisboa, Estampa, 1980

"- Economia e História Antiga, Lisboa, Presença, 1987
"- Impérios e propaganda na Antiguidade, Lisboa, Presença,
1989

Os Fenícios

LETE, G. del Olmo; AUBET, M. E. - Los Fenicios en la Península Iberica, "Aula Orientalia", 3-4, Barcelona. 1985/86
* MOSCATI, Sabatino (dir.) - I Fenici, Milão, Bonfiori, 1988
PARROT, A.; CHEHAB, M. H.; MOSCATI, S. - Los Fenicios, Madrid, Aguilar, 1975

A Europa Pré-Clássica

BLOCH, Raymond - Os Etruscos, Lisboa, Verbo, 1973
DEL MASO, Cinzia; VENDETTI, Antonio - Le Città degli Etruschi, Firenze, Bonechi, 1984
* GUYONVARCH, C. J.; LE-ROUX, F. - La Civilisation Celte, renes. Ogam/Celticum, 1980
KRUTA, Vencelas - Les Celtes en Occident, Paris, Ed. Atlas, 1985
* PIGGOTT, Stuart - A Europa Antiga, Lisboa, F. C. Gulbenkian, 1981

POWELL, T. G. E. - Os Celtas, Lisboa, Verbo, 1974

A Península Ibérica

ALARÇAO, Jorge de - Portugal Romano, Lisboa, Verbo, 1983
BLAZQUEZ, J. M. eoutros - História de España Antigua, Tomo I, Madrid, Ediciones Cátedra, 1980
* SILVA, Armando Coelho Ferreira da - A Idade dos Metais em Portugal, "História de Portugal", Vol. I, Lisboa, Alfa, 1984
*** - A Cultura Castreja do Noroeste de Portugal, Paços de Ferreira, Museu de Sanfins, 1987
TUÑON DE LARA, Manuel (dir.) - Historia de España, Vol. I, Barcelona, Labor, 1982
AA. VV. - Estudos de Cultura Castrexa e de Historia Antigua de Galicia, Santiago, Inst. P.Sarmiento/Univers. de Santiago, 1983

Nota: Tema a tema serão fornecidos elementos bibliográficos mais específicos.

Docente: Dr. António Cardoso

1. Introdução à Arte Clássica.
1.1. O génio grego e o génio romano.
2. A arquitectura clássica.
2.1. A arquitectura grega.
2.2. A arquitectura helenística.
2.3. A arquitectura romana.
3. A escultura clássica.
3.1. A escultura grega.
3.2. A escultura romana e tardoromana.
4. O urbanismo no mundo clássico.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

HUYGHE, H. W. - L'Art et l'Homme, Paris, Larouss, I, 1957

- Atlas de l'architecture mondiale, Paris, Stock, 1988

- L'Art grec / L'Art romain, Paris, Flammarion, s.d.

JANSON, H. W. - História da Arte, Lisboa, F. Calouste Gulbenkian, 1980

PIJOAN, J. - História da Arte, Lisboa, Publicações Alfa, II, 1972

Docentes: Dr^a Maria de Jesus Sanches

1. Definição e história da Arqueologia.

1.1. Origens e desenvolvimento da disciplina, até aos meados do nosso século.

1.2. A "revolução" teórica e metodológica da segunda metade do nosso século. Ampliação do conceito de Arqueologia em múltiplos sentidos, e alargamento das relações interdisciplinares.

2. Os testemunhos arqueológicos.

2.1. Artefactos: restos e monumentos. Escofactos.

2.2. Situações-tipo perante as quais se pode encontrar o arqueólogo: as estações arqueológicas; diversidade dos métodos da sua abordagem; interesse da sua integração num quadro regional.

3. O "processo" arqueológico.

3.1. Arqueologia de campo.

3.1.1. Preospecção. Fontes toponímicas, orais, documentais. Utilização da cartografia, da fotografia aérea, dos métodos "científicos". Inventariação de dados e levantamento de cartas arqueológicas.

3.1.2. Escavação. Topografia. Métodos de registo; desenho e interpretação de estruturas e estratigrafias. Primeiras medidas de protecção dos achados e das estações. Recolhas para análise laboratorial.

3.2. Trabalho de gabinete.

3.2.1. Organização dos registos de campo e preparação de um relatório de escavação.

3.2.2. Estudo do espólio arqueológico: lítico, cerâmica, metálico, ósseo. Princípios gerais de classificação tipológica. Restauro de objectos.

3.3. A Arqueologia e os laboratórios.

3.3.1. Geoarqueologia.

3.3.2. Arqueometria. Métodos de datação absoluta.

3.3.3. Arqueobotânica: palinologia, antrapologia, paleocarpologia.

3.3.4. Zooarqueologia.

3.4. A publicação final dos resultados.

4. Arqueologia e património.

"Gestão" dos bens arqueológicos:

4.1. Serviços de inventariação e protecção do património.

4.2. Os museus e a sua função ao serviço da investigação e da educação.

4.3. Valorização dos sítios e sua apresentação ao público. A divulgação do "saber" arqueológico.

4.4. Legislação que enquadra a actividade arqueológica.

5. Função científica, cultural e social da Arqueologia:
significado da profissão de arqueólogo nas suas múltiplas facetas.

BIBLIOGRAFIA

a) Obras básicas cuja leitura se aconselha aos alunos no início do ano:

CHILDE, V. Gordon - Introdução à Arqueologia, Lisboa, Publicações Europa-América, s.d.

MOBERG, Carl-Axel - Introdução à Arqueologia, Lisboa, Ed. 70, s.d.

b) Dicionário e enciclopédia fundamentais (obras de consulta):

WHITEHOUSE, Ruth D. (ed.) - MacMillan Dictionary of Archeology, Londres, MacMillan Press, 1983

SHERRAT, Andrew (ed.) - The Cambridge Encyclopedia of Archeology, Cambridge University Press, 1980 (Há tradução francesa, Paris, Ed. du Panal, 1981)

c) Publicação periódica cuja consulta se aconselha:

JORGE, Vitor de Oliveira (dir. de) - Arqueologia, Revista semestral, Porto, G.E.A.P., 17 vols. publ. desde 1980

d) Obras ou artigos sobre diversos aspectos da Arqueologia:

BARKER, P. - Techniques of Archeological Excavation, 2^a ed., Londres, Batsford, 1982

CAMPS, Gabriel - Manuel de Recherche Préhistorique, Paris, Doin, 1980

CHILDE, V. Gordon - Para uma Recuperação do Passado. A interpretação dos dados arqueológicos, Lisboa, Liv. Bertrand, s.d.

COLES, John - Arqueología Experimental, Lisboa, Liv. Bertrand, s.d.

DANIEL, Glyn - Historia de la Arqueología. De los anticuarios a V. Gordon Childe, Madrid, Alianza Ed., 1974

HARRIS, Edward C. - Principles of Archeological Stratigraphy, Londres, Academic Press, 1979

LEROI-GOURHAN, André - As vias da História antes da Escrita, "Fazer História", 1, Lisboa, Liv. Bertrand, s.d.

RENREW, Colin - El Alba de la Civilización. La revolución del radiocarbono y la Europa Prehistórica, Madrid, Ed Istmo, 1986

SCHNAPP, Alain (dir. d) - L'Archéologie aujourd'hui, Paris, Hachette 1980

"- A Arqueología, "Fazer História", 2, Lisboa, Liv. Bertrand, 1981

SÉRONIE-VIVIEN, M.-R. - Introduction à l'Etude des Poteries Préhistoriques, Bordéus, Société Spéléologique et Préhistorique de Bordeaux, 1982

e) Arquelogia e Paleología: outros métodos científicos

- BUTZER, Karl W. - Archaeology as Human Ecology: Method and Theory for a Contextual Approach, Cambridge University Press, 1982
- DIMBLEY, Geoffrey - Plants and Archaeology. Archaeology of the Soil Londres, Granada Publishing, 1978
- RENAULT-MISKOVSKY, J. - L'Environnement au temps de la Préhistoire. Méthodes et Modèles, Paris, Masson, 1985
- SCHCKLEY, Myra - Environmental Archaeology, Londres, G. Allen & Unwin, 1981
- AA. VV. - Les Dossiers de l'Archéologie, n° 39 (1979) e 42 (1980)

INTRODUÇÃO A HISTÓRIA

Docentes: Prof. Doutor Armando Luís de Carvalho Homem

Dr. Luís Miguel Duarte

Dr. Amélia Polónia da Silva

Dr. Ivo Carneiro de Sousa

1. Da historiografia e dos historiadores: dos alvores da "crítica histórica" à erudição oitocentista; Annales, "Nouvelle Histoire" e historiografia(s) 'post-moderna(s)'.

2. Fontes, factos, dados: "história-documento" e "história-problema"; elaboração da fonte/construção do facto.

3. Teoria e tipologia das fontes. Fontes e "obras culturais". Sítio e situação. Colecção, inventariação, catalogação.

4. A prática historiográfica: lugar e tempo(s) do historiador.

5. Que historiografia para o século XXI?

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

BOURDÉ, Guy e MARTIN, Hervé - Écoles (Les) historiques, Paris, Seuil, 1983

BRAUDEL, Fernand - Écrits sur l'Histoire, Paris, Flammarion, 1969 (trad. port.: História e Ciências Sociais, Lisboa, Presença, 1972)

CARBONELL, Charles-Olivier - Historiografia, trad. port., Lisboa, Teorema, 1987

Certezas e incertezas da História. Três colóquios sobre História no Instituto Colegial Europeu, dir. por Gilbert GADOFFRE, trad. port., Lisboa, Pensamento, 1988

Dictionnaire des sciences historiques, dir. por André BURGUIÈRE, Paris, P.U.F., 1986

Encyclopédia Einaudi, dir. por Ruggiero ROMANO, ed. port. coord por Fernando GIL, 1. Memória-História, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984

Fazer História, dir. por Jacques LE GOFF e Pierre NORA, 1. Novos problemas, 2. Novas contribuições, 3. Novos objectos, trad. port., Amadora-Venda Nova, Bertrand, 1977-81-97

GODINHO, Vitorino Magalhães - Ensaios, III. Sobre Teoria da História e Historiografia, Lisboa, Sá da Costa, 1971

Historiografia (La) en Occidente desde 1945. Actitudes, tendencias y problemas metodológicos, ed. V. VAZQUEZ DE PRADA et al., Pamplona, EUNSA, 1985

Nouvelle (La) Histoire, dir. por Jacques LE GOFF et al., Paris, Retz-C.E.P.L., 1978

Docentes: Dr^a Lúcia Maria Cardoso Rosas

I - Arquitectura.

1. Os elementos da construção.
 - 1.1. Muros e vãos.
 - 1.2. Suportes e coberturas.
 - 1.3. Decoração.
2. A representação da arquitectura.
3. Arquitectura religiosa.
 - 3.1. Templo.
 - 3.2. Igreja.
 - 3.3. Mosteiro.
4. Arquitectura militar.
5. Arquitectura civil.
6. Arquitectura dos jardins e da água.

II - Pintura.

1. Noção de perspectiva, composição e cor.
2. Suportes, materiais e técnicas.
 - 2.1. Fresco.
 - 2.2. Témpora.
 - 2.3. Óleo.
 - 2.4. Acrílico.
 - 2.5. Pastel.
 - 2.6. Aguarela.
 - 2.7. Gouache.
 - 2.8. Encaustica.
3. Os Géneros da pintura.

III - Escultura.

1. Tipos, materiais e técnicas.

IV - Artes decorativas.

1. Vocabulário e técnicas.
 - 1.1. Azulejo.
 - 1.2. Cerâmica.
 - 1.3. Vidro.
 - 1.4. Esmalte.
 - 1.5. Mobiliário.
 - 1.6. Têxteis.

V - Noções básicas de conservação e restauro.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BONET-CORREA (dir. de) - Historia de las Artes Aplicadas e Industriales en España, <manuales Arte, Madrid, Cátedra, 1982
Koch, Wilfried - Estilos de Arquitectura I e II, Lisboa,

Presença, 1985
TEIXEIRA, Luís Manuel - Dicionário ilustrado de Belas-Artes,
Lisboa, Presença, 1985
Atlas d'Architecture Mondiale. Des Origines à Bysance,
Paris, Ed. Stock, 1978
Guía Completo de Pintura y Dibujo, Madrid, Hermann Blume,
1982
Guía Completo de Escultura, Modelado y Cerámica, Madrid,
Hermann Blume, 1982
Técnicas de los grandes Maestros de la Alfarería e Cerámica,
Madrid, Hermann Blume, 1985
Principes d'Analyse Scientifique. La Sculpture. Méthode et
Vocabulaire, Paris, M.C.C., 1978
Principes d'Analyse Scientifique. Architecture. Méthode
et vocabulaire, 2 vols., Paris, M.C.C., 1972
Principes d'Analyse Scientifique. Objets civils domestiques,
Paris, M.C.C., 1984

Docente: Dr^a Maria de Jesus Sanches

1. Introdução.

1.1. A formação da Pré-História como ciéncia. As perspectivas actuais.

1.2. Quadro cronológico geral da Pré-História.

2. Os antepassados do homem moderno.

2.1. Dos primeiros primatas aos primeiros hominídeos africanos.

2.2. O Homo erectus e a sua expansão no Mundo Antigo.

2.3. Os paleoantropianos.

3. Os primeiros homens de tipo moderno.

3.1. O Homo Sapiens no mundo, durante o "Paleolítico Superior". Diversidade cultural deste período na Europa Ocidental.

3.2. A arte da Homo Sapiens na Europa Ocidental.

4. Dos últimos caçadores-recolectores aos primeiros agricultores: a emergéncia de uma nova economia e sociedade em diversas regiões do globo.

5. Aspectos da Pré-História recente da Europa Ocidental.

5.1. Evolução das sociedades da agricultores/pastores durante o IV-III milénios a. C.

5.1.1. O megalitismo como manifestação económico-social e simbólico-ritual das primeiras sociedades neolíticas atlânticas.

Arquitectura e arte megalíticas.

5.1.2. O aparecimento da metalurgia e a ocupação de novos territórios.

5.1.3. Arte pós-glaciária europeia.

5.2. Emergência das sociedades hierarquizadas da Idade do Bronze.

BIBLIOGRAFIA GERAL

ABÉLANET, Jean - Signes Sans Paroles - Cent Siècles d'art Rupestre en Europe, La Mémoire du Temps, Hachette, 1986

* BRÉZILLON, Michel - Dictionnaire de la Préhistoire, Paris, Larousse, 1969

CHAMPION, T. et alii Prehistoric Europe, Londres, Academic Press, 1984

* COPPENS, Yves - O Macaco, a África e o Homem, Lisboa, Ed. Gradiva,

1985

DENNELL, R. W. - European Economic Prehistory. A New Approach, Londres, Academic press, 1983

GUILAINE, Jean - Premiers Bergers et Paysans de l'Occident

- Méditerranén, Paris, Mouton, 1986
"et alii - La Préhistroire, d'un Continent à l'Autre, Paris, Larousse, 1986
* JORGE, Víctor Oliveira - Projectar o Passado, Lisboa, Ed. Presença, 1987
* LEROI-GOURHAN, A. - As religiões da Préhistória, Lisboa, Ed. 70, s/d
***- Os Caçadores da Préhistória, Lisboa, Ed. 70, s/d
LICHARDUS, Jan et alii - La Préhistoire de l'Europe. Le Néolithique et le Chalcolithique, Paris, PUF, 1985
REDMAN, Charles - The Rise of Civilization, San Francisco, W. H. Freeman and Company, 1978
* RENFREW, Colin - El Alba de la Civilización, Madrid, Ed. Istmo, 1986
AA. VV. - Orígen y Evolución del Hombre, Madrid, Ministerio de Cultura, 1984
* AA. VV. (Desde 1980, 19 vols. publicados) - Revista Arqueología, Porto, Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto

DISCIPLINAS SÓ DE OPÇÃO

Docente: Prof. Doutor Francisco Ribeiro da Silva

1. As origens do burgo portuense: ponto da situação dos conhecimentos actuais.
 2. A cidade medieval.
 - 2.1. De couto episcopal a burgo de jurisdição régia.
 - 2.2. Administração municipal durante a Idade Média.
 - 2.3. Vectores de desenvolvimento económico.
 - 2.4. A Cidade e o Termo.
 3. O Porto na época moderna.
 - 3.1. Sociedade, economia e administração do Porto na época moderna.
 - 3.2. O crescimento da cidade no século XVIII. Aspectos urbanísticos.
 4. O Porto no século de Oitocentos.
 - 4.1. O Porto e as vicissitudes políticas do País.
 - 4.2. Sociedade e economia no séc. XIX.
- Sugestões de temas para investigação
- . O Porto e a expansão portuguesa.
 - . Instituições de cultura na cidade.
 - . O Porto e a industrialização (sécs. XIX-XX).
 - . Recolha (exaustiva?) da bibliografia sobre o Porto.

BIBLIOGRAFIA

Para cada tema será indicada a bibliografia específica.

Como instrumento de trabalho e obras de consulta sugere-se o seguinte:

Corpus Codicum Latinorum et Portugalensium eorum qui in Archivo Municipal Portucalensi asservantur..., 5 vols, 1911-1961
Colecção "Documentos e Memórias para a História do Porto", 46 vols., Porto, 1936-1988

História da Cidade do Porto segundo plano de A. Magalhães Basto e dir. de Damião Peres e António Cruz, 3 vols., Porto, 1962-1965

Nova Monografia do Porto organizada por Carlos Bastos, Porto, 1938

COSTA, Pe Agostinho Rebelo da - Descrição topográfica e histórica da cidade do Porto, 2^a edição, Porto, 1945

CUNHA, D. Rodrigo da - Catálogo e História dos Bispos do Porto, Porto, 1623

NOVAES, Manuel Pereira de - Anacrisis historial, Vol. IV da Colecção de Manuscritos Inéditos da Biblioteca Pública Municipal do Porto, Porto, 1918

Docente: Dr. Agostinho Araújo

1. Problemática de uma ciência jovem.
0. Introdução.
 - 0.1. Historicidade e especificidade da Arte.
 - 0.2. A Arte e a Sociedade, hoje.
 - 0.3. A Sociologia e sua crescente subespecialização.
1. Evolução da estética sociológica.
 - 1.1. Um precursor: Diderot.
 - 1.2. Os fundadores da Sociologia Geral perante a actividade artística.
 - 1.3. Tentativas de enfoques sociológicos de alguns críticos e filósofos.
 - 1.3.1. H. Taine.
 - 1.3.2. J. M. Guyau.
 - 1.3.3. Ch. Lalo.
 2. Tendências sociológicas na Historiografia da Arte.
 - 2.1. A Escola de Viena (A. Riegl, F. Wickhoff, M. Dvorak, H. Sedlmayr).
 - 2.2. Influência da Escola de Viena.
 - 2.2.1. F. Antal.
 - 2.2.2. W. Weisbach.
 - 2.3. Warburg e os seus discípulos.
 - 2.3.1. A. Warburg.
 - 2.3.2. F. Saxl.
 - 2.3.3. O Instituto Warburg.
 - 2.3.4. E. Panofsky.
 - 2.4. W. Benjamin.
 - 2.5. Os Marxistas (M. Eaphael, A. Hauser, E. Fischer, N. Radjinicolaou).
 3. A Sociologia Arte fundada por Pierre Francastel.
 - 3.1. Fundamentação global.
 - 3.2. Conceitos operatórios.
 - 3.3. Programa de pesquisa.
 4. J. Duvignaud: do Teatro até uma "sociologia global do imaginário"
 11. Amostragem de Análises práticas
 0. Carácter ainda fragmentário dos ensaios "de campo" no domínio da sociologia das artes visuais.
 1. Sociologia das condições sociais de criação.
 - 1.1. Mecenato.
 - 1.2. Programa imposto.
 - 1.3. Responsabilidade político-cultural de Estado.
 - 1.4. Arte oficial.

2. Sociologia da criação.
- 2.1. Estatuto social dos artistas.
- 2.2. Organização de trabalho e tipos sociais de artistas.
- 2.3. Os objectos figurativos: ampla exemplificação.
3. Sociologia das condições sociais de utência.
- 3.1. Instituições (Galerias, Exposições, Concursos).
- 3.2. Modas.
- 3.3. Meios de publicidade.
- 3.4. Técnicas de reprodução.
4. Sociologia da utência.
- 4.1. Colecções.
- 4.2. Frequência de museus.
- 4.3. Consumo de literatura artística.
- 4.4. Níveis de gosto .

BIBLIOGRAFIA GERAL

- ANTAL, Frederik - Florentine Painting and its Social Background, London, Routledge and Kegan Paul, 1948
- "- Clasicismo y romanticismo, Madrid, A. Corazón, 1978
- BASTIDE, Roger - Arte e Sociedade, 2^a ed., São Paulo, Universidade de São Paulo, 1971
- BAYER, Raymond - História da Estética, Lisboa, Estampa, 1979
- BECKER, Howard - Arte como accão colectiva, in "Uma Teoria da Acção Colectiva", Rio de Janeiro, Zahar, 1977, pp. 205-225
- "- Mundos artísticos e tipos sociais, in "Arte e Sociedade. Ensaios de Sociologia da Arte", Rio de Janeiro, Zahar, 1977, pp. 9-26
- BENJAMIN, Walter - A obra de arte no tempo de suas técnicas de reprodução, in "Sociologia da Arte - IV", Rio de Janeiro, Zahar, 1969, pp. 15-47
- BERGER, John - Modos de ver, Lisboa, Edições 70, 1982
- BOURDIEU, Pierre - Elementos de una teoría sociológica de la percepción artística, in "Sociología del arte", Buenos Aires, Nueva Visión, 1972, pp. 43-80
- BOURDIEU, P.; DARBEL, A. - L'amour de l'art. Les musées et leur public, Paris, Minuit, 1966
- BREST, J. Romero - El gusto, la moda y el arte visual, in "Colóquio/Artes", Lisboa, 36, Março de 1978, pp. 45-50
- CLARK, Kenneth - Que es una obra maestra?. Barcelona, Icaria, 1980
- CREEDY, Jean - O contexto social da arte, Rio de Janeiro, Zahar, 1975
- DAMISCH, Hubert; DE SETA, C. e outros - Artes/ Artista/ Objecto/ Produção artística/ Atribuição Artesanato, in "Encyclopédia Einaudi", vol. 3, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp.

- DEINHARD, Hanna - Reflections on Art History and Sociology of Art, in "Art Journal"; New York, 25 (1), 1975, pp. 29-32
- DIDEROT/FALCONET - Le Pour et le Contre, Paris, Les Editeurs Français Réunis, 1958
- DORFLES, Gillo - Oscilações do gosto, Lisboa, Horizonte, 1974
- "- Símbolo, comunicación y consumo, 2^a ed., Barcelona, Lumen, 1975
- DUFRENNE, Mikel - Art et politique, Paris, Union Générale d'Éditions, 1974
- DUFRENNE, Mikel e outros - A Estética e as Ciências da Arte, 2 vols., Lisboa, Bertrand, 1982
- DOUVIGNAUD, Jean - Problemas de Sociologia da Arte, in "Sociologia da Arte - I", 2^a ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1971, pp. 23-36
- "- Sociologie de l'Art, Paris, Presses Universitaires de France, 1972
- "- Sociologia da Arte, in "Sociologia" (direc. G. Eisermann), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1969, pp. 439-474
- ECO, Umberto - A estrutura ausente, 3^a ed., São Paulo, Perspectiva, 1976
- FERRIER, Jean-Louis - La forme et le sens. Éléments pour une sociologie de l'art, Paris, Denoel, 1975
- "- Holbein. Les Ambassadeurs. Anatomie d'un chef-d'œuvre, Paris, Denoel, 1977
- FISCHER, Ernst - A Necessidade da Arte, 9^a ed., Rio de Janeiro, Zahar, 1983
- FRANCATEL, Galienne - Sociologie de l'Art et notion d'influence: problèmes des finalités, "La Sociologie de l'Art et sa vocation interdisciplinaire. L'œuvre et l'influence de Pierre Francastel", Paris, Denoel, 1976, pp. 21-28
- FRANCATEL, G.; FRANCATEL, P. - Le Portrait - 50 siècles d'humanisme en peinture, Paris, Hachette, 1969
- FRANCATEL, Pierre - L'impressionisme, 2^a ed., Paris, Denoel, 1974
- "- Pintura y Sociedad, Madrid, Cátedra, 1984
- "- Histoire de la Peinture Française, 3^a ed., 2 vols., Paris, Gouthier, 1971
- "- Problèmes de la sociologie de l'art, "Traité de Sociologie" (direc. G. Gurvitch), 2^a ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1963, vol. II, p.. 278-296
- "- L'Esthétique des Lumières, in "Utopie et institutions au XVIII^e siècle. Le pragmatisme des Lumières", Paris - La Haye, Mouton, 1963 (Actes du Colloque de Nancy, 1959, École Pratique des Hautes Etudes), pp. 331-357

- A realidade figurativa: elementos estruturais de sociologia da arte, São Paulo, Perspectiva, 1982
 -- L'image, la vision et l'imagination, Paris, Denoel, 1983
 -- Études de Sociologie de l'Art. Crédit picturale et société, Paris, Denoel, 1970
 FRANÇA, José Augusto - Prefácio, a "Arte e Técnica nos séculos XIX e XX"^{III} (de P. Francastel), Lisboa, Livros do Brasil, s.d., pp. 5-14
 -- Lisboa, Pombalina e o Iluminismo, 2^a ed., Lisboa, Bertrand, 1977
 -- Le "fait artistique" dans la sociologie de l'art, in "La Sociologie de l'Art et sa vocation interdisciplinaire" (cf. supra), pp. 127-136
 -- Sobre História (Sociológica) da Arte, Lisboa, 1981, sep. de "Memórias da Academia das Ciências de Lisboa. Classe de Letras"
 -- Temas de história e de sociologia da arte, in "Quinhentos Folhetins", I, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, pp. 73-93
 FREIXA, Mireia (org.) - Las vanguardias del siglo XIX, Barcelona, Gustavo Gili, 1982
 GUYAU, J. M. - L'art au point de vue sociologique, 9^a ed., Paris, Félix Alcan, 1912
 HADJINICOLAOU, Icos - L'object de la discipline de l'Historie de l'Art et le temps de l'Histoire des Arts, in "La Sociologie de l'Art et sa vocation..." (vd. supra), pp. 41-53
 -- História da Arte e movimentos sociais, Lisboa, Edições 70, 1978
 -- La producción artística frente a sus significados, Mexico, Siglo Veintiuno, 1981
 HAUSER, Arnold - Historia Social de la Literatura y el Arte, 3 vols., 4^a ed., Madrid, Guadarrama, 1969
 -- Sociología del Arte, 5 vols., Madrid, Guadarrama, 1975-1977
 -- Teorias da Arte, 2^a ed., Lisboa, Presença, 1978
 -- A Arte e a Sociedade, Lisboa, Presença, 1984
 HUISMAN, Denis - A Estética, Lisboa, Edições 70, s.d.
 KONDER, Leandro - Os marxistas e a arte, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967
 LALO, Charles - L'Art et la vie sociale, Paris, Gaston Doin, 1921
 MANDROUX-FRANÇA, M.-T. - Information et "Mass-Media" au XVIIIe Siècle: la diffusion de l'ornement gravé rococo au Portugal, Braga, 1974, sep. de "Bracara Augusta", XXVII
 MARX, K.; ENGELS, F. - Sobre Literatura e Arte, 3^a ed., Lisboa, Estampa, 1975

Docentes: Dr. Agostinho Araújo
Dr. António Cardoso

1. O neoclassicismo:

Influências inglesa, italiana e francesa na arquitectura. O escultor João José de Aguiar. A pintura: Vieira Portuense; Domingos António de Sequeira; a oficina do Palácio da Ajuda; a "Escola do Porto" (José Teixeira Barreto, Joaquim Rafael, João Baptista Ribeiro). Artes decorativas. Alguns colecionadores.

2. A escultura naturalista:

Soares dos Reis: o romantismo e o realismo. Simões de Almeida e Texeira Lopes: o triunfo do naturalismo. A longa sobrevivência desta estética nas escolas de Lisboa e Porto e no gosto dominante.

3. Arquitectura e urbanismo:

A arquitectura do ferro. Engenheiros e arquitectos. Do eclectismo à "arte nova", ao movimento moderno. Os anos 30/40. A arquitectura do Estado novo. Tendências da arquitectura contemporânea.

4. A Pintura:

Do Romantismo ao Naturalismo. Da "possibilidade" romântica ao Naturalismo de Marques de Oliveira e Silva Porto. Henrique Pousão e a hipótese impressionista. O naturalismo epigonal. António Carneiro entre o naturalismo, o simbolismo e o expressionismo. Columbano e Malhoa ou "A Cidade e as Serras". O Modernismo Português. Rupturas, equívocos e tendências. Amadeo de Souza-Cardoso, o parêntesis e os novos caminhos do Modernismo.

BIBLIOGRAFIA SUMARIA

CARVALHO, Ayres de - Os três arquitectos da Ajuda, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1979

CHICO, Mario Tavares; FRANÇA, José-Augusto; SANTOS, Armando Vieira e outros - Dicionário da Pintura Universal, vol. III ("Pintura Portuguesa"), Lisboa, Estúdios Cor, 1973

COSTA, Luis Xavier da - Domingos António de Sequeira. Notícia biográfica, Lisboa, Amigos do Museu, 1939

FRANÇA, José-Augusto - A Arte em Portugal no século XIX, 2^a ed., 2 vols., Lisboa, Bertrand, 1981

"- El siglo XIX, in "Summa Artis", vol. XXX ("Arte Português"), Madrid, Espasa-Calpe, 1986, pp. 399-482

"- A Arte em Portugal no século XX, Lisboa, Bertrand, 1974

"- Amadeo de Souza-Cardoso, 2^a edição, Lisboa, Inquérito, 1972

"- António Carneiro, Lisboa, Fundação C. Gulbenkian, 1973

"- Almada, o Português sem Mestre, Lisboa, Estúdios Cor,
1974

"- O Modernismo na Arte Portuguesa, Lisboa, Biblioteca
Breve, 1979

GONÇALVES, Flávio - Um século de Arquitectura e Tathá no
nordeste de Portugal. 1750-1850, in "Boletim Cultural" da Câmara
Municipal do Porto, vol. XXXII, 1-2, 1964, pp. 125-184

MACEDO, Diogo de - Soares dos Reis. Estudo documentado,
Porto, Lopes da Silva, 1945

SANTOS, Reynaldo dos - Oito Séculos de Arte Portuguesa, 3
vols., Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1963-1970

SMITH, Robert C. - The Art of Portugal. 1500-1800,
London/New York, Meredith Press, 1968

ZEVI, Bruno - História da Arquitectura Moderna, 2 vols.,
Lisboa, Arcádia, 1979

I N D I C E

Sociedades, Culturas e Civilizações Clássicas	1
Sociedades, Culturas e Civilizações Pré-Clássicas	3, 6
História da Arte Antiga	8
Introdução à Arqueologia	9
Introdução à História	12
Introdução à História da Arte	13
Pré-História	15

DISCIPLINAS SO DE OPÇÃO

História da Cidade do Porto	1
Sociologia da Arte	2
História de Arte em Portugal	6